

## A UTOPIA PÓS-SIONISTA DE AMÓS OZ

Ricardo Vaidergorn<sup>1</sup>

### RESUMO

Este ensaio aborda o romance *A caixa preta* de Amós Oz. Observa o confronto de dois personagens opostos; o ex-marido e o atual. O anterior é um bem nascido da elite engajada na modernidade. O novo é um excluído que vive à margem das certezas e ideias nacionais ou institucionais, um desengajado e quer ser reconhecido. Espelha a descentralização do sujeito em oposição ao institucionalizado. Ao mesmo tempo, sociólogos e historiadores de então, nos anos 1970, ironizavam a nova tendência da pós-modernidade como mais uma mera utopia. Em Israel o conflito espelhado em *A caixa preta*, atualmente reconhecido com o impacto dos primórdios da globalização sobre as ideologias nacionais, na época foi traduzido como "Utopia Pós-Sionista".

### PALAVRAS CHAVE

LITERATURA ISRAELENSE – AMÓS OZ – A CAIXA PRETA - PÓS-SIONISMO - MITOS MODERNOS

## AMOS OZ AND THE POST-ZIONIST UTOPIA

### ABSTRACT

This essay is an approach of Amos Oz's novel *The Black Box*. It observes the two opposed characters' confrontation; the former-husband and the current. The former is a well-born elite engaged in modernity. The new one is an excluded, an outsider of certainty and national institutional ideas. He is a disengaged who wants to be recognized. This work mirrors the Oz character's decentralization of the subject reaction against the institutionalized system. At the same time, in the years 1970th, sociologists and historians, spokes fun about the new trends of post-modernity as more than a mere utopia. In Israel, the same *Black Box* mirrored conflict that nowadays we know due in the origins of the globalization impact over the national ideologies; it was called "Post-Zionist Utopia."

### KEY WORDS

ISRAELI'S LITERATURE – AMOS OZ – THE BLACK BOX – POST-ZIONISM – MODERN MYTHS

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela FFLCH-USP  
vaidergorn@usp.br

“Pós-sionismo” é um termo adotado por alguns intelectuais israelenses, que expressa um anseio favorável ao rompimento com velhas fórmulas políticas e mitos ideológicas. Decorre do sentido utópico de uma tendência almejada nos anos 1980 entre as manifestações de alguns dos mais renomados cientistas sociais, antropólogos, historiadores e jornalistas do país. Está presente em diversas reavaliações sobre temas que envolvem o contexto geral de relações sociais em Israel. Mas, é na arte, na poesia e na literatura que o assunto vem à tona e, a partir das vanguardas intelectuais, que se evidencia num grande debate a nível nacional. A questão da utopia pós-sionista transparece especialmente por meio da ficção, na linguagem do romance, do cinema ou em publicações relativas às várias áreas do conhecimento pelos departamentos universitários de Israel.

É um conceito ambíguo e reflete conflitos de tendências políticas, muitas vezes, opostas em que o “Pós-Sionismo”, às vezes, é classificado por uns como anti-sionismo, por outros como neo-sionismo e até mesmo citado no contexto da pós-modernidade.

Vários autores abordam a atmosfera de questionamento das identidades culturais e ideológicas até então predominantes. Entre várias interpretações vigentes, Stuart Hall relaciona o tema, ao processo de globalização em *A Identidade cultural na pós-modernidade (2006)*. Ele considera o caráter da mudança da modernidade tardia na variação constante, rápida e permanente entre contradições sociais que geram diferentes identidades e culminam no “*descentramento do sujeito pós-moderno*” sob a instauração de identidades abertas, inacabadas e fragmentadas. Ele conclui ao considerar que as nações modernas são “híbridos culturais”, fato que na globalização pressupõe o distanciamento da concepção anterior e ideal de “*homogeneidade da identidade nacional*” ou “*um sistema social bem delimitado*”.

Esse conceito relaciona os anseios que então emanavam das oscilações da perspectiva histórica israelense que, então refletia o vaivém ou tendências de estados de contínua tensão com alterações na “*balança do poder*”. E evidenciava uma alternância entre duas tendências políticas que, respectivamente, aglutinavam vários grupos em dois lados opostos, na disputa pelo poder; um lado, a favor da instituição do *status quo* a favor da política de “direitos para ser igual” e o outro a levantar a bandeira da tendência dos “direitos iguais para ser diferente”.

Em ambos os casos, a chance de paz gerava indagações sobre alternativas, costumeiramente, até então, postas em segundo plano diante do estado de guerra

iminente, que sempre impediu a plena consolidação, em paz, do Estado, independente desde 1948.

Após décadas de instabilidade nas fronteiras, vizinhos arredios, orçamento nacional comprometido com gastos militares, no curto período de calmaria no “pós Guerra dos Seis Dias” são levantadas questões de cunho político e social sobre a eventual postura institucional diante do prenúncio de uma paz duradoura e segura.

Muitos dos novos temas vindos até então, estavam encobertos pelas circunstâncias, historicamente, sempre ameaçadoras ou de segurança nacional, ante os perigos de invasão iminente e os riscos de aniquilação do país pelos países vizinhos. Velhas esperanças ressurgem entre os antigos sionistas. Novas indagações reacendem o ânimo de setores periféricos da sociedade civil, que participam da disputa pela ascensão política, econômica e social. Os cenários da narrativa de Amós Oz deixam transparecer questões praticamente impossíveis de serem percebidas sem um esforço com investidas em áreas do conhecimento, raramente abordadas em crítica literária. Há que ir além dos métodos corriqueiros à literatura comparada ou à teoria literária. Sem a leitura de estudos, artigos, textos, de ciências sociais, políticas e humanas a compreensão dos cenários de Oz, com certeza, ficaria prejudicada.

Portanto, além do trabalho de crítica literária, temos aqui uma nova metodologia que emprega instrumentos considerados, até então, por alguns, incompatíveis entre si, porém buscamos aqui agregar a subjetividade da arte literária com a objetividade das ciências sociais.

Neste sentido, retornando à temática Pós-Sionista, cujos conflitos transparecem nos cenários de *A caixa preta* de Amós Oz, voltamos às questões pendentes dos anos 1970, relatadas pela mídia israelense e analisadas através de citações de ensaios acadêmicos.

Diante do fim do estado de guerra, na eventualidade da paz, os anseios pela ascensão de setores sociais, anteriormente periféricos ao poder, provocam ecos naquele momento sobre questões polêmicas, em verossimilhança às implícitas aos cenários do romance de Oz.

A perspectiva ansiada, praticamente impossível, de um eventual redirecionamento da política econômica para tempos de paz [1967-73] contrasta com a realidade vigente desde os anos da independência do Estado [1948], essencialmente, comprometida com a defesa do país, diante dos vizinhos arredios. Mas, a primeira excita a imaginação, especialmente, dos intelectuais com perguntas

como:

“Quando a paz for uma realidade consolidada em Israel, quais serão as prioridades dos governos? Acabar com a pobreza? Como será o Orçamento Nacional? Menos comprometido com os gastos militares? Para integrar os excluídos, os marginalizados? Viabilizar bons empregos para todos? Casa própria acessível para todos igualmente? Educação de alto nível para crianças de todas as classes sociais e origens étnicas? Para financiar novas ondas imigratórias de países ocidentais? Ou limitá-las e investir na melhoria das condições de vida dos cidadãos nativos de baixa renda ou com baixa escolaridade? Quais serão as prioridades?”

Tais questionamentos, dos anos 70, ressurgem nos anos 80 e, novamente, na primeira metade da década de 1990, até o fracasso das conversações de paz de Oslo em 1994.

De todo modo, a questão de melhoria nas condições de vida das minorias étnicas de Israel vem à tona e começa a ser encarada sob uma ótica diferente da oficial de até então, e é reinterpretada em diversos trabalhos acadêmicos. Em sua narrativa, Oz narra protagonistas com características sócio-culturais, que poucos anos antes, sequer apareciam tão periféricos que antes eram considerados, no contexto israelense. Vale ressaltar, que a inserção de novos atores, antes desprezíveis, na cena israelense não ocorre apenas na obra de Oz, mas na de outros autores, no cinema, idem, no teatro, na poesia, etc. Este fato, também, justifica a compreensão da obra de Oz num contexto cultural e não apenas, literário, porém, mais amplo.

Em *A caixa preta* [Oz, 2000] os personagens vivem sob o cenário político de fevereiro a outubro de 1976. Sociólogos e historiadores como Ilan Pappé ou Alex Weingrod sugerem o período como um “momento de transição”. O poder, nas eleições do ano seguinte, mudaria de mãos. Configurando-se dos fatos históricos aos cenários do romance, até então, o Partido Trabalhista ainda está no poder, desde a formação e a independência do Estado. O modelo político nacional funda-se na ideia sionista, da conquista original, heróica da “terra santa”, “da terra prometida”, implícito à identidade nacional, desde a fundação do Estado em 1948. A propaganda da máquina institucional exalta a ocupação heróica do território, as ondas de imigrantes; as *alioth* de refugiados dos países europeus, e dos países árabes.

Essa perspectiva histórica e ideológica é comentada por Marta F. Topel, em

*Uma Tradição Milenar, uma Ciência Moderna: A antropologia Israelense: autores e leitores* [Tese de Doutorado, 1986, p. 79-80-91]. Aqui há documentos sobre os fatos históricos anteriores e que justificam as indagações dos anos 1960/70. Marta levanta dados sobre as causas germinais da política institucional posterior. Constata as diversas etapas originais da idéia sionista e apresenta documentos em relação ao período, que se distingue sob a influência da política do “*Mizug haGaluyiot -- da Mistura ou Fusão dos Exílios*” ou do “*Kibutz haGaluyiot -- da Reunião dos Exílios*”.

Este fato, segundo consta na tese de Marta, justifica e caracteriza a fórmula institucional adotada desde os primórdios, pela formação da identidade nacional e do Estado de Israel. Mas, também revela que as bases originais e ideais da elite dos anos 1970 é herdeira das primeiras ondas de imigração de judeus da diáspora europeia e do mundo árabe. Mas, tal herança inclui os rancores, as demandas políticas, as diferenças culturais entre os imigrantes da Europa e os do norte da África, dos perseguidos e dos discriminados pelos regimes nacionalistas dos seus países de origem.

Topel caracteriza o conflito e a disputa pelo poder, que tem como desfecho “*a queda da hegemonia original do Partido Trabalhista*” e a ascensão dos partidos religiosos em Israel. Essa atmosfera é o pano de fundo da *Caixa Preta*. Em seu romance, Oz simboliza os dilemas ideológicos e sociais da sociedade israelense numa teia de relações entre o mundo interior dos personagens, seus temores, angústias, emoções, ciúme, inveja, desprezo, vaidade, ganância, enquanto espelhamentos do mundo real ou exterior, dos cenários urbanos, dos conflitos pessoais ou de caráter interétnico.

Oz dispõe entre dois personagens-protagonistas, um deles, de formação *europeia-ocidental-secular*, plenamente, normalizado e engajado no sistema econômico. O mesmo aparece, conscientemente, ativo das manipulações do poder, ele mesmo, herdeiro e membro da elite dominante que comandava o país desde a independência [1948]. O outro protagonista é seu oponente, rival e novo marido da sua ex-esposa, ambos inseridos num mesmo triângulo amoroso. O segundo, ao contrário do primeiro, é um *judeu-oriental-observante-religioso*, empobrecido, mal engajado, é o “*homem da outra ponta do sistema*”, da comunidade oriental, segundo expressão dos sociólogos da época; “*de um outro Israel*”.

Entre ambos os protagonistas há uma mulher completando o triângulo amoroso. Trata-se de uma ex-refugiada polonesa, quando adolescente de *Kibutz*, serve o exército e casa-se com o primeiro, então, um oficial do exército, herdeiro da

rica elite *ashquenazita* [ou de origem européia] local. Anos depois, o casal se divorcia e ele, já maduro, aristocraticamente, viaja para a América a fim de assumir a cátedra de sociologia na Universidade de Chicago. Ela casa novamente. O segundo marido é um judeu árabe oriental da Argélia, pobre, sem nível superior, com um trabalho não normalizado de professor sem diploma, um cargo provisório, no ensino básico noturno, sem grandes perspectivas profissionais, às voltas com a sua fé na observância religiosa judaica.

Neste triângulo, Oz representa uma reflexão crítica relativa ao dilema dos excluídos da sociedade israelense, aos desiguais e ao pensamento do *establishment* da época.

Sobre o *establishment*, Erick Cohen comenta em *The Black panthers and israeli society* [p. 93-109, 1972] o tema, “*da pressão ashquenazita pela assimilação dos orientais*”, sob o viés dos protestos e reivindicações conseqüentes ocorridas no país. Cohen exemplifica o comportamento de um agrupamento de jovens de postura radical, da comunidade oriental, na maioria marroquinos. Segundo o estudo, o grupo abordado chocou a população ocidental de Jerusalém ao se autodenominar de modo brusco; *Panteras Negras*, homônimo do movimento negro norte-americano, mas com características diferentes.

As observações de Cohen inserem-se entre muitas outras, que buscam identificar os efeitos das políticas institucionais nos cenários de Oz. A maioria dos ensaios acadêmicos busca desvendar o lado oculto e constatar os efeitos das ações governamentais, com exemplos levantados na prática, na realidade de fato. Embora, os mesmos desvendem as contradições institucionais como a censura, especialmente, a censura militar do tempo anterior, à narrativa de Oz. Tais ensaios manifestam, implicitamente, suas esperanças em contradição com uma consciência pragmática em relação ao risco de aniquilação do estado. Vale notar que tal risco é, também, um fator que, por si mesmo, justifica medidas extraordinárias e de segurança nacional por causa da constante atmosfera de ameaça por invasão ou estado de guerra.

Questões como a da mudança no *Acordo do Status Quo* são, também, comentadas por Eliezer Don-Yehiya em *The status quo agreement as a solution to problems of religion and state in Israel*, [1971, p. 100-121]. Eliezer observa a influência da reação de problemas “dos excluídos” na formação de novos paradigmas românticos e libertários.

Cohen relata no seu ensaio *Black panthers* palavras de ordem entoadas pelo

grupo “*Panteras*” nas manifestações de rua e irônicas ao público *ashquenazita* como: “*Golda nos educa em ídiche!*” [sobre a primeira-ministra de Israel da época, a sra. Golda Meir, de origem *ashquenazita*-européia, também, de língua ídiche]. Ele comenta os efeitos do radicalismo e cita, por exemplo, a adoção pelo grupo, de um espaço público de Jerusalém para manifestações de protesto, espaço apelidado de “*Praça do Judaísmo de Realidade Silenciosa*”. Cohen completa com detalhes sobre a retórica dos pronunciamentos oficiais do governo às reivindicações dos “*Panteras*”.

Em *The status quo agreement*, Eliezer observa a parcialidade dos pronunciamentos oficiais e as lacunas da fria e típica visão de mundo dos burocratas, apontando os progressos em vãs tentativas, de ocultar as raízes da crise futura com jargões como; “*devido aos investimentos feitos no campo da educação [...]*”. Entre as observações, Eliezer aponta as respostas do governo, sempre tranqüilizantes, para o alívio das elites *ashkenazitas*, então dominantes. Respostas, algumas vezes tão insensíveis ou condutoras a crises piores. Um bom exemplo desta insensibilidade são os comentários oficiais. Cohen também exemplifica que entre tais comentários, em *Black panthers*, os porta-vozes do governo, habitualmente declaravam; “*que as diferenças entre os judeus de origem árabe oriental e os judeus ashquenazitas [de origem européia] deveriam desaparecer, com o tempo, no decorrer da aplicação dos programas oficiais de assimilação dos orientais ao modo de vida ocidental*”.

Todavia, as alegações oficiais que justificavam inocência, comparavam o padrão de vida de ambos os grupos, de habitação, empregos, etc. levantando a bandeira com o lema pró-homogeneização sócio-cultural, pró-modernização. Vale notar que este lema sempre foi considerado uma das “*vacas sagradas*” da *ideologia sionista*, na ótica da “*Fusão dos Exílios*”.

Erick Cohen sugere que tal postura incitou uma intensa reação à ideologia original que, então passou ser contestada 20 anos após a sua consolidação como doutrina nacional e desde independência do país em 1948.

O momento do cenário político narrado por Oz faz transparecer um pressentimento implícito a partir do comportamento dos personagens em relação ao futuro político do país.

Os fatos encabeçados do fim dos anos 1970, de fato, culminaram com a queda da esquerda e ascensão do governo de coalizão. Este último, liderado pelo primeiro-ministro Menachen Beguin do Likud, então, se coligava com pequenos

partidos de orientação religiosa, com o Mizrahi, o movimento religioso-político dos judeus *sefaraditas* e orientais e setores *ashquenazitas* neoliberais. Todos exigindo maior flexibilidade da rígida burocracia sionista socialista, enraizada, hierarquizada e no poder desde o surgimento do Estado.

Outra referência importante é o artigo *The two Israels* [1962, p. 313-319.] onde o antropólogo Alex Weingrod, comenta a questão das lutas políticas e as reivindicações dos excluídos. Weingrod exemplifica os distúrbios dos judeus Orientais marroquinos na cidade portuária de Haifa e as causas dos ressentimentos para com os “*burocratas insensíveis*” não só pelas difíceis condições de vida, nos anos 1960, nos cortiços de Tel Aviv e de Haifa. Tais ressentimentos estendam-se contra a versão oficial ensinada nas escolas infantis, a qual justificava a história da miséria dos primeiros colonos marroquinos como exemplo de heroísmo. Weingrod relata a ironia de termos como: “*Os primeiros chalutzim (Pioneiros) orientais*” ou descritos como; “*Os conquistadores do deserto*”, em relação à assistência a eles prestada pelas autoridades competentes logo após a chegada daqueles ao país.

Hoje, os relatórios dos historiadores confirmam o sarcasmo que na verdade mais servia para ocultar o desapontamento dos imigrantes, que depois do sofrimento do exílio seja de Bagdá, de Tunis, Marrocos, etc. eram encaminhados para as piores áreas do país, no meio do deserto. Quanto aos que de lá saiam, segundo o artigo, só restava engrossar as periferias urbanas, como não adaptados cidadãos de 2ª classe.

Já no livro de Tom Seguev, *1949-The first israelis* [1986, p. 155-194] no capítulo *Nameless people* [*Gente sem nome*] há comentários de agentes do Mossad (serviço secreto de Israel). Tais agentes, em 1949 eram responsáveis pelos relatórios sobre os campos de refugiados de judeus orientais oriundos da África francesa em Marseille–França, e dos guetos de Casablanca, Líbia, Iêmen, Iraque na fila de espera para o embarque à Terra Santa.

Seguev cita relatórios que contém comentários jocosos e chauvinistas sobre a separação habitual das crianças em grupos de sexos diferentes, fato comum ao modo de vida daqueles imigrantes dos países árabes, sendo que os relatórios dos agentes mencionam termos como: “*os meninos de Marseille mentem [...] ou parecem efeminados*” -- sobre a observância religiosa mais intensa dos orientais -- ou em outros relatórios, os agentes divertiam-se com frases como -- “*O movimento messiânico já está organizado*”, ou sobre a aparência deles com exclamações do tipo: “*O material humano da África do Norte não é particularmente bom, [...]. O*

*material humano na Alemanha* (refugiados judeus sobreviventes do holocausto europeu) *é melhor!*”

Não bastasse o relato de tais fatos, Seguev descreve outros agravantes históricos sobre o tema. Cita que os judeus árabes de 1949, embora francófonos e sempre se autoconsiderando cidadãos franceses em terras norte-africanas, embora, habitualmente, acostumados à vida segregada no meio ambiente original de maioria muçulmana, tiveram o seu primeiro e maior choque, também, na sua entrada na França. Ali receberam, logo de início, um tratamento discriminatório dos próprios franceses, e logo após o Holocausto europeu. Tais fatos contribuíram com críticas anti-ocidentais e justificaram as razões históricas e ideológicas que marcaram os protestos dos anos 1960-70.

Entretanto, os conflitos de rua de Jerusalém, deflagrados pelos “*Panteras negras*” [nos anos 1970] desequilibraram a balança de forças do poder. Embora, segundo E. Cohen; eles não tivessem condições políticas ou estruturais de mobilização de toda a sociedade israelense, “*para criar um mito social*”. Mas, suas propostas eram revolucionárias, do tipo “*Exército Nacional de Libertação*”, contra a “*conspiração ashquenazita*”, bem como, outras mais modestas, pela criação de gueto sob orientação de um *status quo* oriental separatista, contra a ocidentalização e pró causa do “*orgulho oriental-sefaradita*”.

O personagem judeu oriental do romance de Oz também pragueja contra o modo de vida ocidental, que ele caracteriza como “*uma heresia*” do seu rival, o ex-marido da sua mulher. O personagem insurge contra o que para ele é a “*heresia da vida profana e secular ashquenazita*”, mas termina por aceitar as várias remessas de grandes somas em dinheiro, que o ex-primeiro-marido lhe envia da América. O ex-marido *ashquenazita*, ironicamente, perverte a relação do segundo com sua ex-esposa, corrompendo-o progressivamente com dinheiro, “*a título de ajuda humanitária*” para o casal. Aos poucos, isso se demonstra no decorrer da narrativa, enquanto uma cômica e certamente suspeita intenção oculta de abalar o casamento da ex-esposa, manipulando-a em silêncio ao enriquecer-lhe o segundo marido. Aos poucos, Oz conduz a sua trama com sutil humor e algum paralelo com a realidade política e social do país.

Paralelamente, assim como os “*Panteras negras*” desabam enquanto movimento de esquerda revolucionária e vêem-se suplantados pelos partidos religiosos *sefaraditas* e da direita, surgem outros grupos fundamentalistas como o Gush Emunim, avaliado no estudo do prof. Gideon Aran, *Jewish Zionist*

*fundamentalism: The bloc. of the faithful in Israel: Gush Emunim* [1991, p. 265-344.].

Gideon analisa a representação política das comunidades de judeus orientais no país, e o indiscreto ou contraditório apoio, pelo alívio político do *establishment*, das elites burocráticas de Tel Aviv e Jerusalém. Ou seja, a nova geração da esquerda, então, dominante reage assustada contra o risco de ascensão de uma nova esquerda mais radical, ao transferir apoios, distribuindo cargos anulando o radicalismo dos radicais com estímulos aos novos líderes da direita.

Assim como o protagonista judeu oriental de Oz, em reflexão aos cenários políticos da época, justifica a sua nova fortuna como justa redenção, para o cumprimento da missão que ele afirma ter-lhe sido “ordenada” pelo Eterno. O mesmo, então, passa a ambicionar prestígio, cargos e ascensão política, não através de magoadas reivindicações em moldes de esquerda revolucionária, por exemplo; do tipo “*Panteras negras*”, mas para aumentar a sua fortuna a partir da sua nova concepção política e religiosa; para que ambas as concepções, em sua opinião, agora juntas e “santificadas” por uma digna causa, embora encoberta com irônicas e “consagradas justificativas”.

Oz gera uma reflexão sobre o tempo interior, o discernimento e a luta pela autonomia individual, sobre os problemas de ordem emocional e sobre um tempo exterior; de luta pela satisfação das carências como moradia, alimentação saúde, e educação. Problemas e prioridades *dos tempos de paz*, quando os problemas de segurança se transformam em problemas de sobrevivência, e os problemas de reforma da sociedade em problemas de identidade, de luta ideológica, religiosa, de discernimento ou de compreensão intelectual.

De todo modo, pensar em garantias de vida quando se tem fome, ou nas prioridades intelectuais mais sutis somente viáveis de serem encaradas após a resolução dos dilemas mais essenciais da luta pela sobrevivência são duas bandeiras diferentes e difíceis de serem agitadas ao mesmo tempo.

Oz reflete sobre o humor, a ironia, o drama, o cinismo, a inveja, o ciúme, aliados às carências humanas, somadas à visão israelense dos acontecimentos, inclusive sobre o que se passa do outro lado, o que é uma característica da expressão literária e artística na era pós-sionista.

Sem dúvida sobram perguntas. E os exemplos, segundo Cohen: “*Em agosto de 1970, quando as fronteiras estavam seguras, muitos israelenses voltaram a sua atenção para os problemas internos*”. E das conseqüências daquele tempo de paz, ainda segundo Cohen, restam as declarações oficiais de altos funcionários do

governo daquela época, impregnadas de pragmatismo e de explicações tranqüilizantes ao “*clima de temor político em tempos de paz*” gerado pela atmosfera de ameaça mesmo fracassada da emergência de grupos radicais de esquerda na disputa pelo poder, a exemplo dos “Panteras negras”.

Restaram relatos de declarações tais como: “*Este tipo de posicionamento serviu para testar o establishment e comprovou um grande volume de pobreza, a despeito do regime assistencialista de orientação socialista-sionista dos partidos dominantes [...]*”, sendo que; “*o general Moshe Dayan, então Ministro da Defesa de Israel veio à público para dizer: Israel não pode agitar a bandeira da segurança ao mesmo tempo que a bandeira da reforma social*”. E a coalizão direitista do Likud com alguns pequenos partidos de orientação religiosa e participando do *establishment* político israelense, ganhou as eleições de 1977, fato que gerou uma profunda e histórica mudança política e na “*balança do poder*”, com a queda da coligação do Partido Trabalhista, de orientação sionista-socialista, no poder desde a independência do Estado em 1948.

Do mesmo modo, os personagens de Oz também se espelham, sem dúvida alguma, em verossimilhança à realidade israelense, em que Oz reflete a partir do mesmo paradigma segundo o qual, imitando a vida real, também nenhum deles, e principalmente a personagem mulher, a parte central do triângulo amoroso entre o ex-marido ashquenazita (que presta “*ajuda humanitária*” ao novo) e o novo marido observante oriental, com suas novas ambições políticas que, aliás, pouco a pouco se interpõem na vida do casal, o que o impele a distanciar-se um pouco da esposa, ou seja, nenhuma das partes envolvidas detém o poder “*para agitar mais de uma bandeira ao mesmo tempo*”, portanto, cada um deles é sempre induzido pelas circunstâncias a optar, à sua maneira: ora por uma, ora pela outra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict, **Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México: Fondo de Cultura Económica, Colección Popula, 1989, cap. II (Las raíces culturales) p. 26-62, cap. VIII (Patriotismo y racismo) p. 200-217, cap. XI (La memoria y el olvido) p. 260-286.

ARAN, Gideon, Jewish zionist fundamentalism: The bloc of the faithful in Israel (Gush Emunim). In \_\_\_\_ MARTHY, M. E. & APPLEBY, R. S. (org): **Fundamentalisms observed**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, cap. 5, p. 265-344.

COHEN, Erick, The black panthers and israeli society In \_\_\_\_ **The Jewish Journal of Sociology**, XIV (1), 1972, p. 93-109.

DON-YEHIYA, Eliezer, **The status quo agreement as a solution in the area to problems of religion and state in Israel**. Traduzido do hebraico e. Medina V', mensal, n° 6, 1971, p. 100-12.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006. 104p. Título original: The question of cultural identity.

KIMMERLING, Baruch, Settlers without frontiers. In \_\_\_\_ **The Jerusalem Quarterly**, 24, Summer, 1982, p 114-128.

OZ, Amós, **A caixa preta**. Tradução de Nancy Rozenchan. São Paulo: Cia das Letras, 2000, 241 p.

PAPPÉ, Ilan, Fifty years through the eyes of new historians in Israel. In \_\_\_\_ **Middle East Report**, 28 (2). 1998, p. 14-23.

SEGUEV, Tom, **1949: The first israelis**. New York: The Free Press, a division of Macmillan Inc, London: Collier Macmillan Press, 1986, cap. 6 (Nameless people) p. 155-194.

TOPEL, Marta Francisca, **Uma tradição milenar, uma ciência moderna. A antropologia israelense: autores e leitores**. Campinas: Tese de Doutorado, UNICAMP, 1986, p. 79-80-91-96-105-120.

WEINGROD, Alex, The two Israels. In \_\_\_\_ **Comentary**. USA, January, 1962, p. 313-319.

ZERUBAVEL, Yael, **Recovered roots – Collective memory and the making of israeli national tradition**, Chicago: The University of Chicago Press, 1994, p. 3-59.